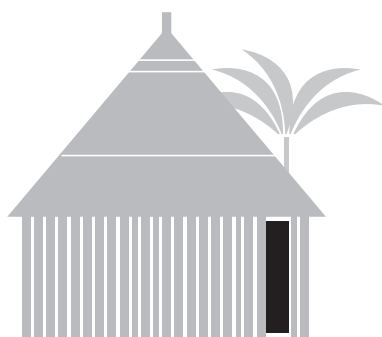






regressos quase perfeitos

memórias da guerra em angola



maria josé lobo antunes

L I S B O A
TINTA-DA-CHINA
M M X V

© 2015, Maria José Lobo Antunes e Tinta-da-china

Edição: Tinta-da-china
Rua Francisco Ferrer, 6 A
1500-461 Lisboa
Tels.: 217269028/29
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Regressos quase Perfeitos — Memórias da Guerra em Angola*
Autora: Maria José Lobo Antunes

Revisão: Tinta-da-china
Capa e composição: Tinta-da-china

1.ª edição: Outubro de 2015
ISBN: 978-989-671-275-4
DEPÓSITO LEGAL: 398011/15

ÍNDICE

ÍNDICE DE FIGURAS	7
LISTA DE ABREVIATURAS	9
CAPÍTULO I — 2011	15
CAPÍTULO II — OS ANOS ANTES DE ANGOLA	39
1. A guerra ao longe	48
2. A guerra que se aproxima	71
3. A tropa e a descoberta de um país	96
CAPÍTULO III — 1971	111
1. De Luanda ao Leste angolano	115
2. Terras do Fim do Mundo	126
3. Em guerra	179
4. Memória, esquecimento e silêncio	218
CAPÍTULO IV — 1972	223
1. Baixa do Cassange	228
2. Guerra e paz em Marimba	239
3. Angola é nossa?	273
CAPÍTULO V — OS ANOS DEPOIS DA GUERRA	283
1. O regresso à vida	287
2. O 25 de abril e a descolonização	303
3. O reencontro com o passado	326

CAPÍTULO VI — 2012	347
1. O ritual	351
2. O escritor	364
3. Palavras e silêncios	371
CONSIDERAÇÕES FINAIS	379
SOBRE O PERCURSO DESTE LIVRO	385
ENTREVISTADOS	400
AGRADECIMENTOS	404
FONTES E BIBLIOGRAFIA	405
NOTAS	418

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Mapa de Angola	33
Figura 2. Mapa do subsector de Gago Coutinho	134
Figura 3. Banhos no rio, destacamento de Sessa	140
Figura 4. Caserna de Gago Coutinho	147
Figura 5. As pernas da vedeta de revista, Gago Coutinho	148
Figura 6. Feiticeiro, zona de Mussuma	158
Figura 7. Lavadeiras no rio, zona de Gago Coutinho	175
Figura 8. Mapa da zona de Marimba	242
Figura 9. Fila de espera para a vacina contra a cólera, zona de Marimba	245
Figura 10. Conversações com congoleses, zona de Marimba	251
Figura 11. Equipa de «assistência aos atiradores» num jogo de futebol em Marimba	261
Figura 12. Pacaça abatida em Marimbanguengo	269
Figura 13. Capitão e alferes médico com um fazendeiro, zona de Marimba	274
Figura 14. Homens numa picada no Leste de Angola	377



LISTA DE ABREVIATURAS

BART — Batalhão de Artilharia.

CART — Companhia de Artilharia.

CCS — Companhia de Comandos e Serviços.

GACA — O Grupo de Artilharia Contra Aeronaves 2, em Torres Novas, foi a unidade mobilizadora do Batalhão de Artilharia 3835.

GE — Os Grupos Especiais eram forças paramilitares de segunda linha constituídas por africanos. Recrutados e treinados pelo Exército, actuavam em estreita colaboração com as forças portuguesas.

IAO — A Instrução de Aperfeiçoamento Operacional era a última etapa da preparação das tropas antes da partida para África.

IN — Inimigo. Termo utilizado na História da Unidade BART 3835, consultada no Arquivo Histórico Militar.

MFA — Movimento das Forças Armadas.

MPLA — Movimento Popular de Libertação de Angola.

NT — Nossas tropas. Termo utilizado na História da Unidade BART 3835, consultada no Arquivo Histórico Militar.

PAIGC — Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde

PIDE/DGS — Polícia Internacional e de Defesa do Estado/Direcção-Geral de Segurança.

UNITA — União Nacional para a Independência Total de Angola.

UPA/FNLA — União das Populações de Angola/Frente Nacional da Libertação de Angola.

ZML — Zona Militar Leste.



Para os meus pais



(...) I see
there are really no liars or lies after all,
And that nothing fails its perfect return, and that what are called lies are
perfect returns,
And that each thing exactly represents itself, and what has preceded it,
And that the truth includes all, and is compact, just as much as space
is compact,
And that there is no flaw or vacuum in the amount of the truth — but
that all is truth without exception (...)

Walt Whitman



CAPÍTULO I

2011



Meio-dia de um sábado de Junho de 2011. Num restaurante de Almeirim, junta-se uma pequena multidão. São várias dezenas de homens e mulheres de meia-idade, alguns jovens e crianças. O ambiente é de alegria, entre a simpatia cerimoniosa das mulheres e a familiaridade barulhenta dos homens. As mulheres trocam fotografias dos netos, apresentam os filhos, perguntam pelas novidades. Os homens juntam-se em grupos animados, riem e distribuem palmadas nas costas. Quem olhe de fora não consegue compreender a inusitada concentração de pessoas muito diferentes entre si. Algumas vão de roupas domingueiras, outras passeiam por ali tão informais como noutro dia qualquer. Pela abundância da comida, poderia ser um baptizado. Mas é uma reunião de antigos combatentes da guerra colonial. Na parede, um cartaz revela que ali se realiza o convívio anual da Companhia de Artilharia 3313 do Batalhão de Artilharia 3835. Pela décima primeira vez desde o regresso de Angola em 1973, os homens que fizeram parte da CART 3313 juntam-se e revêem-se durante uma tarde à volta da mesa.

De entre a multidão que se movimenta à volta dos aperitivos, sobressaem algumas figuras. Firmino Alves, um homem grande, de voz alta e gargalhada fácil, destaca-se de imediato. Antigo furriel miliciano da Companhia 3313, o contabilista do Porto é o guardião dos contactos dos camaradas e o organizador da camioneta alugada que todos os anos recolhe os antigos militares que vivem no Norte. Neste dia de Junho em Almeirim, Firmino divide a organização do convívio com Manuel Russo, professor aposentado, que foi em tempos furriel miliciano da companhia. Russo caminha entre os convidados e os empregados de mesa certificando-se de

que nada falta, e encaminha as pessoas para as seis mesas compridas onde se sentarão ao almoço. Ao fundo da sala, junto do cartaz comemorativo, está Licínio Macedo. Todos os anos, o antigo soldado de transmissões traz um novo cartaz, concebido nas semanas que antecedem a reunião anual. De boina na cabeça e passo decidido, vai chamando camaradas para que vejam a sua obra. Enquanto alguns conversam à volta do cartaz, outros abrem alas para um homem de canadianas e expressão triste que avança entre abraços e olhares de admiração. É Fernando Sota, o cabo atirador que todos recordam como herói, o corajoso resistente a ataques nocturnos. No meio de rostos anónimos, surge uma figura pública: António Lobo Antunes acerca-se do grupo e é envolvido na teia de cumprimentos efusivos. Também ele embarcou no Vera Cruz em Janeiro de 1971, como alferes médico miliciano do Batalhão de Artilharia 3835.

Seguindo as ordens dos organizadores, a multidão encaminha-se para as mesas. Como não há lugares marcados, os movimentos desenrolam-se numa dança de cadeiras que vai desenhando uma geografia variável. Há quem guarde assento para as mulheres e filhos ao seu lado. Há grupos de mulheres que se tornaram amigas ao longo dos anos e se juntam entre si, libertando os maridos para um almoço entre camaradas. Há quem organize as proximidades nas mesas por pelotão, por especialidade ou por posto.

Numa das mesas, o tema da conversa é Mussuma, um destacamento no Leste de Angola junto à fronteira com a Zâmbia. Dois antigos furriéis lembram a informalidade de um destacamento longínquo, sem as chefias militares a vigiarem o rigor das fardas. Recordam a construção de um sistema rudimentar de valas e de abrigos antiataque, dos postos elevados de vigia e de artilharia pesada. Lembram episódios de passeios pelas ilhotas das chanas em busca da fruta fresca que iria melhorar o rancho militar. Mas recordam também os ataques sofridos neste aquartelamento isolado e a reacção que todos consideram heróica do cabo Fernando Sota: sozinho na metralhadora, varreu o exterior do quartel.

A propósito dos ataques nocturnos a Mussuma, instala-se a discussão. Paulo Câmara, furriel de operações especiais, conta que um dos ataques se deveu a uma questão de mulheres. Com a ausência de civis no aldeamento,

alguns militares liderados pelo alferes que comandava o pelotão fizeram uma incursão pela Zâmbia, de onde trouxeram mulheres. Jorge Santos, furriel miliciano que também esteve destacado em Mussuma, afirmou não recordar nada disso e nunca ter ouvido tal coisa. Chamaram camaradas para que ouvissem a história. Ninguém se lembrava. Sozinho com a sua versão, Paulo Câmara não desarmou. Afirmou Câmara que o ataque nocturno que sofreram foi consequência da viagem proibida que fizeram à Zâmbia. Por denúncia da PIDE (então já DGS), foi instaurado um processo militar de averiguações, que levou o comandante da Companhia de Artilharia 3313 a deslocar-se ao aquartelamento para proceder a um inquérito. Todos desmentiram as acusações da PIDE/DGS. E foi assim que, segundo Câmara, o episódio da viagem à Zâmbia em busca de mulheres desapareceu do mapa da memória militar. A discussão em torno de Mussuma (aconteceu ou não aconteceu?) foi interrompida pelo ritual dos convívios anuais. Dela sobrou a suspeita de que o passado é tão diverso quanto as pessoas que o recordam.

De microfone em punho, Firmino Alves dá início aos rituais que encham os almoços da companhia. O agradecimento pela presença de todos é seguido pelo minuto de silêncio por aqueles já que partiram. Dezenas de pessoas de pé sem que um som se oiça, até que uma salva de palmas quebra o silêncio pesado na sala. A comoção dissolve-se na rápida continuação da liturgia dos almoços. É agora necessário que se decida onde e quando terá lugar o convívio do próximo ano. Sem qualquer oposição, fica marcado para daí a um ano em Coimbra. Valdemar Mendes, furriel do primeiro pelotão, será o responsável pela escolha do restaurante e da ementa e pelo envio das dezenas de convites pelo correio.

Com este aspecto prático resolvido, Alves convoca António Lobo Antunes para que suba ao palco e diga algumas palavras. A primeira frase do «doutor» lembra aquilo que todos sabem: em Janeiro desse ano tinham passado 40 anos sobre a data de embarque para Luanda. À evocação da juventude gasta na guerra e da perda de homens segue-se a promessa de que nenhum deles morrerá enquanto o último dos camaradas estiver vivo para o lembrar. O tom grave do discurso é suavizado pela homenagem ao cabo Sota, o herói por todos reconhecido, a quem é dada uma salva de palmas em pé por toda a sala. O discurso termina com a afirmação

do laço que os une: a camaradagem. Como um segredo bem guardado, a camaradagem só pode ser compreendida por quem passou pela guerra: «Uma pessoa tem irmãos de sangue, nós somos irmãos de alma». A salva de palmas final resgatou todos os presentes da evocação grave, trazendo-os de volta à sala e à festa que prometia durar.

Como todos os anos, há um bolo com o brasão de armas da Companhia de Artilharia 3313. Como sempre, são chamados dois alferes para o cortarem juntos. À volta, uma pequena multidão e muitas máquinas fotográficas. Entre as fatias de bolo e a taça de espumante, quase se poderia pensar tratar-se de uma festa de casamento. Ouvem-se piadas sobre os «noivos». Às gargalhadas, sobrepõe-se o brinde por todos, os que estão e os que não podem estar, e os votos para que este encontro se repita por muitos anos.

De um momento para o outro, o espaço é convertido em salão de baile. Um artista contratado sobe ao palco e de sintetizador em punho lança canções dançáveis. Alguns casais inauguram a pista, muitos aplaudem de fora. As mulheres são as maiores entusiastas. O som alto leva a um êxodo de homens para a porta do restaurante. A ausência destes não faz parar o baile. Duplas de mulheres dançam agarradas, cantam alto as canções que conhecem. É a festa que se instala.

Na rua, estão os que fumam. Ou simplesmente os que abandonam a sala que se rendeu ao ambiente de baile. Lá fora, longe das mulheres e dos filhos, os homens falam das suas vidas, dos empregos, do tempo que passa. Falam de quem não está, de camaradas que já morreram ou que são ainda procurados na tentativa de juntar toda a companhia. Mas há também círculos de homens que lembram histórias de Angola. No centro de um deles está João Marques, antigo cabo condutor da CART 3313 e um dos mais vistosos narradores do que foi. Os olhos azuis e a voz rouca transfiguram-se em imitações que, pela reacção do seu público, são pouco menos que perfeitas. Os tiques do comandante do batalhão, as reprimendas e fúrias do capitão da companhia («ah meu coirão!»), tudo é encenado por este lisboeta que a vida transformou em inspector da polícia judiciária. O tom geral é de boa disposição. Aqui entram apenas as «coisas que merecem ser lembradas». As histórias menos felizes, os acidentes, as mortes e os

feridos são afastados para o recato de diálogos menos públicos. O repertório, ensaiado em todos os convívios anuais da CART 3313, inclui episódios que ganharam a solidez de um facto por força da repetição a várias vozes. Este património é actualizado em cada encontro de camaradas. Há pormenores que são acrescentados e pequenas variações que nascem do confronto de versões distintas. À distância de 40 anos, os tempos da guerra são feitos de uma colecção de episódios que apenas alguns viveram mas que todos tomam como seus.

Lá dentro, o baile termina quando chega o lanche. Em poucos minutos, duas mesas de doces e salgados são cercadas por dezenas de pessoas. Firmino Alves percorre a sala avisando que a partida do autocarro para o Porto está para breve. Recolhem-se bolos e salgados das mesas para compor o farnel da viagem. É por esta altura que Licínio Macedo guarda o cartaz que, em letras grandes, garante: «Somos quem fomos». Esta frase, da autoria do antigo alferes médico miliciano, foi gravada numa placa comemorativa colocada em 2006 no quartel de Torres Novas, local onde o batalhão foi formado. «Somos quem fomos» é desde então repetida vezes sem conta nos almoços anuais, como um mantra que une as experiências individuais de cada um daqueles antigos militares. Apesar da distância que separa as suas vidas, o passado comum em Angola constitui o motivo para que embarquem uma vez por ano na viagem que os levará para horas de recordação e comemoração de um tempo que todos partilharam. Afirmando a continuidade entre o passado e o presente, «Somos quem fomos» resume o propósito das reuniões anuais da Companhia: garantir que os 26 meses passados em Angola não serão esquecidos. O regime que suportava a guerra colonial caiu, Angola já não é nossa, os anos transformaram rapazes em homens de meia-idade. Mas a memória do que foram sobrevive ainda, na partilha de recordações que pertencem a todos.

I.

Em Janeiro de 1971, alguns meses antes de eu nascer, o meu pai foi para Angola como alferes médico miliciano. A minha mãe e eu aterrámos em

Luanda em Março de 1972. Pouco tempo depois, estávamos em Marimba, na sede da companhia em que o meu pai cumpria o segundo ano da comissão de serviço. No ano seguinte, regressámos a Lisboa e a companhia foi desmobilizada. De África nada lembro, embora sempre tenha ouvido histórias desse tempo: a partida do meu pai para Angola com a minha mãe grávida no cais, a angústia da distância, a aventura da minha mãe a chegar ao mato com uma filha pequena, os soldados para quem um bebé foi o alegre regresso à normalidade perdida com a guerra, os brinquedos de corda que assustavam os negros. Para lá das histórias, cresci rodeada de objectos trazidos de Angola (fotografias, esculturas, uma coleção de aerogramas numa caixa de madeira), provas materiais da existência desse passado que eu apenas podia imaginar. Mas há mais. O meu pai tornou-se escritor e uma boa parte da sua obra é habitada pelos anos da guerra.

Faço, por isso, parte da geração da pós-memória, uma geração de guardiães de memórias emprestadas, criadas a partir da representação, projecção e criação em torno dos testemunhos de quem os precedeu no tempo. Desenvolvido por Marianne Hirsch no contexto dos estudos do holocausto, o conceito de pós-memória refere-se à construção narrativa de um passado alheio, traumático e irrecuperavelmente perdido, que é tornado familiar e íntimo através das histórias ouvidas em casa¹. Numa investigação recente sobre a pós-memória da guerra colonial, Margarida Calafate Ribeiro chamou à geração a que pertencem os «filhos da guerra», herdeiros de uma «ferida marcante» sobre a qual constroem uma «narrativa a partir de fragmentos das narrativas familiares, compostos por discursos, fotografias, mapas, cartas, aerogramas (...) e outros objectos do domínio privado, que constituem uma espécie de ‘naturezas-mortas’ da Guerra Colonial»².

Foi a memória emprestada da guerra (esse passado que de alguma forma também é o meu, mas do qual não me lembro) que criou a vontade de ir para além daquilo que conhecia (as histórias, as fotografias, pedaços soltos de um tempo perdido no tempo). O primeiro passo do diálogo possível com a memória alheia foi dado em 2005, no momento em que a minha irmã e eu começámos a trabalhar na edição das cartas enviadas de Angola à nossa mãe. Cinco anos depois da sua morte, tinha chegado o tempo de cumprir a vontade, tantas vezes repetida, de as publicar. Em Novembro de 2005,

o livro foi lançado. Os antigos militares da companhia foram convidados e, por iniciativa da editora, houve uma camioneta que transportou os que viviam no Norte do país. Mais de três décadas após o embarque para Angola, uma multidão de camaradas reencontrou-se no sítio de onde tinha partido para a guerra (ver capítulo VI). Depois desse dia, comecei a ir aos almoços da companhia. O primeiro de que me lembro foi em 2006. Dezenas de pessoas abraçaram-se às portas do quartel de Torres Novas aonde, décadas antes, tinham chegado com a certeza do embarque para Angola. Lá dentro, numa cerimónia quase solene, foi colocada na parada do quartel uma lápide com a inscrição «Somos quem fomos CART 3313 1970 T. Novas 2006». O meu pai, médico do batalhão e autor da frase, fez um discurso. Nestes almoços, e ainda antes da investigação, conversei com muitas pessoas. Eu era a criança pequena que tinham conhecido em Angola. Alguns contavam que tinham fotografias tiradas comigo em Marimba. Outros falavam de Angola como se eu me lembrasse das paisagens e das histórias.

À curiosidade pessoal sobre a guerra somou-se o interesse académico sobre este pedaço da história do país e sobre as muitas formas pelas quais se inscreve nas vidas e memórias dos indivíduos que dele fizeram parte. Dois anos depois de me ter estreado nos almoços da CART 3313, comecei a trabalhar na investigação que se prolongaria pelos anos seguintes. Interessava-me compreender como é recordada e contada uma guerra que não teve vencedores nem vencidos, uma guerra tornada anacrónica pela queda do regime e pela descolonização. Interessava-me perceber de que forma os mundos privados dos homens que a combateram se cruzam com o mundo público da guerra e da história que dela se conta.

Este livro resulta, no essencial, da tese de doutoramento em Antropologia que defendi em 2015. O meu objectivo era construir uma etnografia da memória da guerra colonial que articulasse as diversas escalas em que a memória vive: as memórias pessoais, as narrativas que circulam na esfera pública e a representação oficial do conflito. Em vez de estudar esta guerra na sua imensa complexidade (os 13 anos em três teatros de operações, os processos políticos que a rodearam, os milhares de homens recrutados para a combater), a etnografia que construí propunha outro olhar, um olhar que reduzia a observação e a análise a uma pequena parte do todo: a

Companhia de Artilharia 3313, uma das três companhias operacionais do Batalhão de Artilharia 3835.

Além da proximidade que me unia à CART 3313 — e que garantia um acesso facilitado às pessoas, às suas histórias e ao seu passado —, houve um motivo de natureza metodológica que ditou a delimitação da pesquisa. Porquê uma companhia e não um batalhão? Porque uma companhia, ao contrário de um batalhão — cujas centenas de elementos se dispersam por diferentes áreas da zona de acção atribuída — constitui uma temporária e circunstancial aproximação às comunidades tradicionalmente estudadas pelos antropólogos. Por obra da conscrição que durante anos recrutou mancebos para a defesa da nação pluricontinental, milhares de homens abandonaram as suas vidas civis e integraram unidades dos vários ramos das Forças Armadas. As comissões de serviço no então «ultramar» juntaram pessoas muito diferentes entre si numa estreita organização militar que os tornou parte do um mesmo todo orgânico. Todos os que fizeram parte desta companhia, composta por 120 homens comandados por um capitão, se conhecem e reconhecem como pares. As especialidades, a organização dos pelotões e a distribuição no terreno criam laços de proximidade e de dependência mútua que impedem a dissolução dos seus elementos no anonimato. Os homens de uma companhia partilham a experiência de guerra, povoada pelas mesmas personagens, acontecimentos e paisagens. Décadas mais tarde, o sentimento de pertença e o passado comum congregam dezenas de camaradas no encontro de comemoração anual. A escolha de uma companhia tornou-se, por isso, a opção metodológica natural perante o objectivo de reduzir a escala de observação e análise a um contexto pretérito que todos os sujeitos reconhecessem como seu.

Este livro não pretende reconstruir a história da comissão de serviço da Companhia de Artilharia 3313, nem tão-pouco fornecer um retrato fiel e verdadeiro de um tempo que já não existe. As ideias de verdade ou de facto estão ausentes destas páginas. Subjacente a esta investigação está a constatação de que o desaparecimento do passado condena o seu conhecimento à construção de suposições impossíveis de provar.

O passado desapareceu: a sua equivalência com o que agora se vê, se recorda ou se lê não pode ser provada. Nenhuma afirmação sobre o passado pode ser confirmada pela análise dos supostos factos. Porque o conhecimento ocorre apenas na epistemologia do presente, como C. I. Lewis escreveu, «não se pode esperar qualquer verificação teórica suficiente de um facto passado»³.

O que me interessa não é o que aconteceu, mas sim de que forma se recorda e se esquece aquilo que aconteceu. Aquilo que se recorda e se esquece não é estanque e imutável. A memória resulta de um processo complexo de negociação das condições da sua possibilidade. O tempo é, aqui, um factor fundamental. Tivesse esta investigação sido feita no ano seguinte à desmobilização da CART 3313 ou dez anos depois do 25 de Abril, os resultados seriam certamente outros. No primeiro caso, ainda não se tinha dado a queda do regime e a desagregação da «nação pluricontinental»; no segundo, o silêncio em torno da guerra e do colonialismo português tornara a sua revisitação um incómodo difícil de gerir. Quarenta anos após a revolução que depôs o Estado Novo, o colonialismo tardio e a guerra alcançaram um estatuto mnemónico singular: chegou o tempo da explosão de «passados recompostos» feitos a partir dos «presentes imperfeitos»⁴.

A etnografia da memória de guerra que aqui se apresenta parte, precisamente, deste contexto de evocação narrativa generalizada do passado colonial português e da guerra que o defendeu. Os rapazes que em tempos foram militares da Companhia de Artilharia 3313 são agora homens de 60 anos que se reúnem num encontro anual de comemoração do passado. A maneira como olham para trás e contam a história da sua guerra contém muito mais do que o relato dos acontecimentos que perduraram na memória. Quando falam da guerra que viveram, falam de muitas coisas. Falam dos acontecimentos que encheram o tempo da guerra contra um inimigo invisível: operações e ataques, medo e camaradagem, colunas e emboscadas, coragem e cobardia. Falam da descoberta de um país que se dizia grande e pluricontinental: o cosmopolitismo de Luanda, a paisagem imensa de Angola, os africanos e os seus hábitos tão diferentes, a pobreza

dos negros, a prosperidade dos colonos brancos. Falam de um país que já não é aquele em nome do qual foram chamados ao serviço militar obrigatório: o 25 de Abril e a descolonização que estilhaçou a grande nação espalhada pelo mundo e que os obrigou a interrogar o sentido (pessoal mas também nacional) de uma guerra inútil.

2.

A memória é um terreno fértil nas ciências sociais. Ao longo do último século, muito se tem pensado, escrito e investigado sobre a faculdade humana de recordar. O fundador do olhar contemporâneo das ciências sociais sobre a memória é Maurice Halbwachs, sociólogo francês que em 1925 resgatou a memória do domínio da subjectividade individual com o seu livro *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*. Contrariando as discussões da época, Halbwachs defendeu que o passado não é guardado numa localização do cérebro nem num reduto do espírito a que apenas o sujeito tem acesso. A construção de uma imagem do passado é mediada pelo recurso à linguagem e ao «sistema de convenções sociais»¹⁴. A memória é o resultado de solicitações exteriores ao indivíduo, decorrentes das relações que este estabelece com os outros no contexto de grupos sociais diversos. Nas suas palavras, «se recordo, é porque os outros me incitam a recordar, porque a sua memória vem em auxílio da minha, porque a minha memória se apoia na deles»¹⁵. Longe de ser um fenómeno «puramente interior», a memória é um fenómeno colectivo. O passado é constantemente reconstruído a partir do presente através dos quadros sociais da memória, pelos quais se recompõe uma «imagem do passado que esteja de acordo com o pensamento dominante da sociedade em cada época»¹⁶.

Mais de 80 anos após a publicação deste livro, muito do que Halbwachs propõe ainda é actual. A rejeição da concepção da memória como faculdade individual suscita uma unanimidade impressionante. Daniel L. Schacter, investigador que trabalha sobre os aspectos biológicos e psicológicos da memória, recorre a *1984* de George Orwell, para ilustrar a dimensão social do que recordamos:

Sociedades totalitárias como a que foi imaginada por George Orwell desapareceram com o colapso dos regimes comunistas da Europa de Leste. Mas há forças que se assemelham ao Ministério da Verdade e que continuam a operar nas mentes individuais: as nossas memórias do passado são muitas vezes reescritas para poderem corresponder às nossas ideias e necessidades presentes⁷.

A semelhança entre as formulações de Halbwachs e de Schacter é surpreendente. Um sociólogo e um psicólogo separados por mais de sete décadas convergem na afirmação de uma dupla dependência: não só a memória individual depende de forças que a transcendem, como a imagem do passado depende de uma reconstrução feita a partir do presente. Entretanto, o mundo mudou muito e, com ele, a academia também. Nos anos que decorreram entre a morte de Halbwachs e o ressurgimento da memória nas ciências sociais, abriu-se espaço para uma revisitação crítica desta obra*.

Não cabem aqui os inúmeros debates que, desde a década de 80, têm povoado a academia em torno da dimensão social da faculdade de recordar**. Importa, nestas páginas, enunciar as questões que guiaram a pesquisa que precedeu a publicação deste livro. Em primeiro lugar, a memória implica dimensões discursivas e não discursivas e é quase infinita, uma

* Uma das principais dificuldades com a formulação de Halbwachs deriva da utilização «de um vocabulário durkheimiano caracterizado pelo emprego, com o epíteto colectivo, de termos pedidos de empréstimo à psicologia individual.» (Connerton 1993 [1989]: 46). O regresso das ciências sociais à memória colectiva implicou o abandono do olhar reificador que atribuía à memória uma existência exterior aos sujeitos e grupos sociais e lhe concedia um papel fundamental na construção de coesão e equilíbrio. O ressurgimento da memória foi, por isso, marcado pela multiplicação de termos alternativos que vieram substituir o termo «colectivo», procurando ultrapassar as dificuldades encontradas na formulação original: memória social, popular ou pública são apenas alguns dos exemplos possíveis, que reflectem a busca de termos capazes de traduzir a constante negociação e reformulação que se opera na dimensão social da memória. Ver, a este propósito, Bodnar 1994, Fentress e Wickham 1992, Ollick e Robbins 1998, Popular Memory Group 1982, Sobral 2006.

** A edição da tese de doutoramento implicou o abandono de algumas discussões teóricas que têm ocupado a academia em torno daquilo a que já chamaram o «boom da memória» (Winter 2007). Para a revisão de algumas questões centrais, ver Ashplant et al 2006, Klein 2000, Ollick 2008 e 2009, Ollick e Robbins 1998, Radstone 2008, Rosenfeld 2009.

vez que toda a consciência é mediada por ela. «O mundo do inteligível, definido em termos de experiência temporal, é um corpo organizado de expectativas baseadas na recordação»¹⁸. A memória está em todo o lado: na mecânica dos pequenos gestos do quotidiano, na maneira como recordamos o que aconteceu, na forma como traduzimos em palavras os fragmentos de que é feito o passado, nos rituais privados e públicos de celebração do que foi, nos objectos e lugares que são investidos de significados que transcendem a sua existência material.

Em segundo lugar, a reconstrução do passado a partir do presente implica que se reconheça que a distância que separa estes dois momentos do tempo não é apenas feita dos anos que decorreram entre um e outro, mas também, e sobretudo, das muitas formas como este último transforma a representação do primeiro. A memória não está, por isso, isenta de uma dimensão de intencionalidade, visível nos «actos de preservar e transmitir determinados objectos e narrativas — e de esquecer outros»¹⁹. Esta intencionalidade manifesta-se sempre que está em causa a revisitação do passado, desde a narrativização dos percursos biográficos até à criação das grandes narrativas nacionais. A «ilusão biográfica» sobre a qual Pierre Bourdieu escreveu, baseia-se no «postulado do sentido da existência contada» e torna qualquer narrador «ideólogo da sua própria vida», seleccionando acontecimentos a partir de uma amálgama desordenada de factos²⁰. A mesma dimensão de intencionalidade está presente, por exemplo, na ideia muito influente de «invenção da tradição», proposta por Eric Hobsbawm e Terence Ranger. A presumível antiguidade de instituições, rituais e práticas sociais é de facto o resultado de uma criação artificial. A afirmação da continuidade entre um passado longínquo e o presente é feita através de um «processo de formalização e ritualização», pelo qual as novas circunstâncias são revestidas da aparência de configurações antigas²¹. Em qualquer uma destas dimensões, narrativas pessoais ou públicas, o passado existe enquanto produto do olhar retrospectivo de agentes — colectivos ou individuais — que a cada momento lhe conferem inteligibilidade através de um processo de negociação da representação do que aconteceu. A maneira como o passado é contado não é fixa e definitiva; ela está sujeita a uma contínua reformulação.

No caso da memória de guerra, a dimensão pública da recordação ocupa um lugar central. É em nome das nações que as guerras são habitualmente combatidas. É a lealdade nacional que convoca todos aqueles que a ela são chamados. É aqui que se joga a possibilidade da recordação ou do esquecimento, da celebração ou do silenciamento públicos. É aqui que se definem os contornos da memória pública, «um sistema de crenças e ideias» que resulta do debate político alargado sobre os temas fundamentais da existência de uma sociedade: «a sua organização, estrutura de poder e o sentido do seu passado e presente»²². A negociação que produz a memória pública opõe os valores do formalismo dogmático da cultura oficial — a nação como uma entidade intemporal — e a dimensão subjetiva e pessoal da cultura vernácula — a nação tal como é conhecida e vivida pelos seus cidadãos²³.

Esta dicotomia parece adequar-se à análise das narrativas pessoais e públicas sobre a guerra colonial no Estado Novo e no Portugal contemporâneo. Durante 48 anos a expressividade da cultura vernácula foi limitada pela natureza autoritária do regime e pela conformidade imposta pelo seu aparelho ideológico. A retórica nacional, inculcada pelo sistema educativo e reforçada pelos inúmeros braços da propaganda, afirmava a antiguidade de um país de matriz católica e natureza rural, espalhado pelo mundo na sua vocação evangelizadora e de integração ecuménica de culturas. Todas as versões que não se conformassem aos princípios orientadores da narrativa pública dominante diluir-se-iam sob os apertados mecanismos de vigilância ideológica. A revolução e as profundas transformações que mudaram o país abriram espaço para a emergência de interesses vernáculos. De uma forma inédita, várias vozes surgiram na esfera pública, oferecendo outros olhares sobre o passado que vieram apresentar novas formulações para velhas questões.

A aparente adequação desta dicotomia não deve, no entanto, impedir o aprofundamento da problematização dos limites entre a cultura oficial e a cultura vernácula através da análise da sua ressonância nas memórias dos sujeitos. Como refere Alon Cofino, uma e outra não são categorias impermeáveis e mutuamente exclusivas. A cultura oficial não é só o reflexo impessoal do formalismo dogmático, assim como a cultura vernácula

não é apenas a expressão da esfera íntima e afectiva. O desafio, segundo Cofino, reside na interrogação da forma como a nação se tornou numa memória vernácula: de que forma se tornou uma «propriedade mental quotidiana, uma memória tão íntima e autêntica quanto o passado local, étnico e familiar»²⁴.

Trabalhando as memórias pessoais de um grupo de antigos combatentes, este livro irá procurar desocultar as ambiguidades e contradições das narrativas que combinam elementos oficiais e vernáculos provenientes de temporalidades diversas. Para isso, procurar-se-á compreender de que forma os sujeitos seleccionam e conjugam os acontecimentos que são lembrados ou esquecidos, através da ideia de composição (*composure*) proposta por Alistair Thomson:

«Composição» é o termo convenientemente ambíguo que descreve o processo de produção de memória. Por um lado, compomos ou construímos memórias utilizando as linguagens públicas e os significados da nossa cultura. Por outro lado, compomos memórias que nos ajudam a sentir relativamente confortáveis com as nossas vidas e identidades, que nos dão um sentido de compostura (*composure*). Na prática, os dois processos são inseparáveis (...)»²⁵

E é precisamente aqui que se situa um dos maiores desafios no confronto da representação pública do passado e das memórias pessoais. Mais do que apenas reconhecer que os discursos culturais contemporâneos são utilizados na construção destas narrativas, é essencial analisar quais os discursos seleccionados e os motivos que subjazem às escolhas que os actores fazem. Só assim, devolvendo ao sujeito a criatividade, se poderá perceber o verdadeiro alcance da ideia de que «existe um *self* consciente capaz de reflectir sobre a experiência e criticar os discursos públicos e privados ou os imaginários culturais»²⁶. A ênfase na dimensão subjectiva das memórias assenta no reconhecimento de que esta é uma terra muito vasta, onde coexistem territórios habitados por «imaginários culturais» e outras extensões povoadas apenas pela amálgama desordenada e irremediavelmente individual da memória pessoal.

2
O ESCRITOR

No vidro da frente do autocarro que sai do Porto às primeiras horas da manhã, um pequeno cartaz explica quem ali viaja. Ao lado do brasão de armas, pode ler-se «Convívio Anual Os Príncipes do António Lobo Antunes». A história desta frase é contada por Firmino Alves. No final do lançamento de um livro de Lobo Antunes no Porto, o apresentador disse à audiência que, durante a guerra, o escritor viveu rodeado de homens humildes. O «doutor», conta Alves, contrariou a afirmação: «Não são homens humildes; são príncipes.» O episódio, presenciado pelo antigo furriel da Companhia de Artilharia 3313, é contado uma e outra vez com orgulho. O reconhecimento público da nobreza de carácter resgatou todos estes homens do anonimato. Aqueles que fizeram parte da CART 3313 são «os príncipes» com quem o escritor viveu durante 26 meses. As paisagens, personagens e histórias que partilharam em Angola não são apenas suas: são de todos aqueles que, através dos livros e das crónicas de Lobo Antunes, puderam conhecer a guerra das picadas arenosas do Leste e a guerra da espera na imensidão na Baixa de Cassange. Importa, por isso, compreender de que forma estes antigos militares se relacionam com a obra literária do médico do BART 3835, de que modo as suas palavras, histórias e imagens concedem ordem e sentido a uma experiência cuja nitidez tende a perder-se com a passagem do tempo.

Os livros de Lobo Antunes são indissociáveis do que ele representa para os seus companheiros da CART 3313. Lobo Antunes não era um militar como os restantes. Com outros dois médicos, integrava o Estado-Maior do Batalhão de Artilharia 3835, composto pelos comandos e por

oficiais subalternos de especialidades diversas*. Estes três homens não eram identificados pelo posto militar: Lobo Antunes e os seus dois colegas eram os «doutores», e não os «alferes». Durante o primeiro ano da comissão, os médicos rodaram entre a sede do batalhão, em Gago Coutinho, e os destacamentos das companhias operacionais nas chanas do Leste (Sessa, Mussuma, Chiúme e Ninda). Os seus dias eram passados entre o apoio médico ao pessoal militar e as consultas à população civil. Embora não fossem geralmente chamados para a actividade operacional (acções de combate, colunas, operações conjuntas), eram os médicos que tratavam dos feridos e os acompanhavam nas evacuações para o hospital do Luso. No segundo ano, a rotação dos médicos entre as várias unidades do Batalhão não existiu. Lobo Antunes passou os restantes 14 meses em Marimba, sede da CART 3313. Foi durante este ano que a minha mãe e eu aterrámos em Marimba, onde vivemos no meio de militares. A estadia prolongada junto de uma mesma companhia criou, inevitavelmente, uma relação de proximidade especial. Embora não pertencesse à companhia, Lobo Antunes tornou-se o mais próximo dos três médicos do batalhão. Vários lembram o desleixo da farda que enfurecia os comandos, os jogos de futebol com o médico à baliza, as campanhas de vacinação, os raspantes que dava aos soldados por causa das doenças venéreas («O doutor dizia ‘Se vos apanho a ir às meninas sem usarem este medicamento, sabeis que levantai voo!’»).

Durante a comissão de serviço em Angola, António Lobo Antunes destacava-se das centenas de militares do batalhão em virtude da sua especialidade. Mas foi depois da desmobilização que alcançou uma dimensão maior do que história dos 26 meses em África faria supor. Seis anos após o regresso a Portugal, foram publicados os seus dois primeiros livros: *Memória de Elefante* e *Os Cus de Judas*. Décadas mais tarde, é impossível saber em que momento e circunstâncias os antigos militares da CART 3313 souberam que o médico se tinha tornado escritor. Com a desmobilização,

* O Estado-Maior do Batalhão era constituído pelo primeiro e segundo comandante (um tenente-coronel e um major, ambos do Quadro Permanente) e por sete oficiais subalternos: alferes milicianos de transmissões, reabastecimento e manutenção automóvel, três alferes médicos e um alferes capelão.

o contacto com os camaradas perdeu-se. Dispersos pelo país, viveram a estranheza do regresso à vida civil. O 25 de Abril fez cair o regime e inaugurou um tempo de profunda transformação do país. No final de 1975, a «nação pluricontinental» pela qual tinham combatido desaparecera. A ressaca destes acontecimentos foi vivida com contenção. No espaço público celebravam-se as mudanças que tinham deposto o Estado Novo e enaltecia-se o papel dos militares no processo de transformação. Do colonialismo e da guerra, pelo contrário, pouco se ouvia falar — anacronismos incómodos no momento em que o país se reconstruía a partir dos despojos do império e do caminho futuro para a Europa.

No meio deste estranho silêncio sobre a guerra e o fim do império, *Os Cus de Judas* fez parte de um movimento literário que rompeu o vazio historiográfico, social e político sobre os últimos anos do império¹¹. Partindo de uma função individual de «exorcização de um trauma», esta literatura abriu-se a uma «função de reparação moral», através da «denúncia d[a] situação trágica, tão ambigualmente esclarecida, de alerta contra o esquecimento, de absolvição dos sujeitos narradores e do país face a si mesmos e face aos Outros, e de reflexão sobre a nossa identidade e o nosso lugar no mundo»¹². Com a narrativização das experiências africanas, a exposição das dolorosas marcas da guerra, a perplexidade perante o destino de um país obrigado a inventar-se outra vez, livros como o de Lobo Antunes convocaram para o debate público um tema que desaparecera do mapa.

Teria sido interessante resgatar as memórias que os antigos camaradas de armas guardam do primeiro contacto com a obra do médico tornado escritor e da reverberação que ela teve na maneira como recordavam os anos de Angola. Teria sido interessante, mas foi impossível. Quase 40 anos após a edição de *Os Cus de Judas*, esse momento dissolve-se numa nebulosa, sob o peso da dimensão pública que entretanto o escritor ganhou. Ao longo dos meses em que recolhi entrevistas por todo o país, descobri relações muito diferentes com a obra de Lobo Antunes. Havia quem tivesse os seus livros na estante, quem colecionasse entrevistas nos jornais, quem se irritasse ao recordar os desmentidos públicos feitos por oficiais do Exército às passagens sobre a violência das tropas e a utili-

zação do napalm em Angola em *Os Cus de Judas*. Mas houve também quem confessasse nunca ter lido nenhum dos livros. Por falta de oportunidade ou de hábitos de leitura*, para esses homens o contacto com a narrativa literária do antigo médico do batalhão dá-se sobretudo através dos almoços onde, através da voz de Firmino Alves, são lidos excertos para uma plateia atenta às descrições de personagens e situações familiares.

Há um momento decisivo que todos recordam: o dia em que aceitaram o convite para o lançamento do livro das cartas de guerra de Lobo Antunes. Uma camioneta fretada pela editora trouxe dezenas de antigos militares do Norte do país. A CART 3313 regressava ao cais de onde partira 34 anos antes. Em 2005 Lobo Antunes ainda não se tinha estreado nos almoços anuais. Naquele fim de tarde de Novembro de 2005, a Gare Marítima de Alcântara assistiu ao reencontro do escritor com os camaradas que perdera de vista após a desmobilização. A sala estacou quando o escritor e os seus camaradas se abraçaram. Nesse momento, os militares da CART 3313 transformaram-se nos protagonistas de carne e osso do tempo que os livros do escritor tinham fixado. Os discursos de apresentação foram feitos por três alferes milicianos e um furriel enfermeiro. Cada um, de forma diferente, evocou memórias do tempo em Angola: o isolamento, a camaradagem, o trabalho social do Exército junto das populações. Depois das palavras, vieram as imagens. Num grande ecrã, foi projectado o filme de super 8 feito por um camarada entretanto desaparecido. O antigo furriel Firmino Alves pegou no microfone e, perante a plateia que enchia a sala, fez uma visita guiada pelas imagens. Jogos de futebol com o «doutor» à baliza, paisagens imensas de Marimba, os africanos das aldeias próximas.

Ali, naquela sala, assistiu-se a uma dupla comemoração. Em primeiro e mais evidente lugar, o lançamento do livro abriu um espaço público de

* Dos 31 entrevistados, 18 tinham à data da partida para Angola frequentado somente a escola primária, e eram só nove os que tinham habilitações iguais ou superiores ao actual 9.º ano (do ensino liceal ou técnico). Dos 18 que tinham ficado pela escola primária, apenas dois retomaram os estudos após a desmobilização. José Correia e Artur Silva fizeram-no ao abrigo do Programa Novas Oportunidades: o primeiro completou o 6.º ano e o segundo concluiu o 12.º ano.

encontro do passado. Para todos aqueles que não viveram a guerra colonial, o momento oferecia um singular ângulo de observação, ao cruzar o que dela restou (os homens que foram rapazes fardados em Angola e as suas memórias) com o tempo africano fixado nas cartas, nas fotografias e no filme. Para os que viveram os 26 meses de comissão de serviço, aquelas horas ofereceram uma gloriosa oportunidade de celebrar a negação do esquecimento. Com a publicação das cartas, todos os leitores poderiam aceder ao mundo de experiência do quotidiano de guerra em Angola. É precisamente neste sentido que as narrativas pessoais de guerra constituem o mais poderoso dos memoriais. É através das imagens em si contidas, do tom e das histórias que contam, que emerge a «recordação colectiva vicária», memória em segunda mão nascida do cruzamento de muitas memórias de outros:

os relatos de guerra constroem colectivamente uma história que não é contada em nenhuma narrativa individual, mas que retira substância da soma de várias. Ao longo do tempo, dá-se o processo de selecção pelo qual um episódio é preservado e outro é rejeitado e esquecido (...). As histórias e a maneira como são contadas convergem e moldam-se mutuamente, até que emerge uma história completa e coerente.¹³

A experiência de guerra, acedida através da voz pessoal do autor, permite que o leitor participe por interposta pessoa num quotidiano desconhecido. O imediatismo das cartas enviadas da frente tornam-nas a mais pura versão da guerra, combinando o quotidiano anónimo e os acontecimentos excepcionais, o banal e o insólito, num registo que conserva intacta a estranheza da experiência de guerra. Narrativas como estas (cartas, diários e memórias) constituem «actos de comemoração» que fixam as vidas e memórias das pessoas que nela participaram. As vozes dos protagonistas da história e dos heróis, demasiado próximas do mundo de emblemas da guerra, são preteridas a favor das narrativas pessoais dos homens comuns¹⁴. Longe do heroísmo e das afirmações solenes de lealdade a causas, estas narrativas concedem voz a todos aqueles cujas existências e experiências seriam dissolvidas no monumental relato dos aconteci-

mentos históricos. Mais do que a existência de monumentos físicos que celebram os combatentes — e que, com os anos, se transformarão em objectos vazios, cujo sentido apenas pode ser compreendido através do conhecimento da história —, a edição de narrativas pessoais fixa de um modo inequívoco as experiências e memórias de quem combateu. Ao mesmo tempo, estas narrativas subvertem o relato colectivo da história militar. Embora nenhum dos seus autores tenha protagonizado momentos decisivos das guerras, ainda que enquanto indivíduos possam ter sido irrelevantes para o curso dos acontecimentos, são as suas vozes que testemunham a irredutível singularidade da experiência pessoal da guerra.

E é aqui que a figura de Lobo Antunes adquire para os homens da CART 3313 uma relevância única. Através dos seus romances, das crónicas que foi publicando, das cartas de guerra, das entrevistas em que regressa uma e outra vez ao passado angolano, o escritor tornou inapagável a guerra que com ele partilharam. Mas as palavras de Lobo Antunes são também importantes pela maneira como ajudam a conceder ordem e sentido à amálgama de imagens que sobrou dos 26 meses em Angola. Mesmo para os que nunca leram o que o médico escreveu, estas palavras reaparecem todos os anos no encontro da companhia, através de leituras de excertos escolhidos. Nestes momentos, surgem nítidas e intactas algumas personagens que todos conheceram (o comandante severo, o major mulherengo, os negros dos quimbos, o dono do café de Gago Coutinho), paisagens descritas nos minúsculos detalhes da sua singularidade, banais ou invulgares episódios de um quotidiano feito de rotina, tensão e espera.

A voz do escritor, a sua pessoalíssima e literária versão dos acontecimentos, é incorporada na narrativa que os homens da CART 3313 vão construindo e repetindo nos almoços anuais. Às suas palavras é reconhecida a capacidade de representação da experiência comum. Elas estão em todo o lado: na identificação da camioneta que vem do Norte, no cartaz comemorativo que Licínio Macedo traz para a ocasião («Passámos muito tempo a morrer juntos»), na lápide que foi descerrada no quartel de Torres Novas («Somos quem fomos»). Mas estão também no discurso com que Lobo Antunes é convidado a encerrar o ritual de partilha de histórias para o qual todos foram chamados. No palco, o antigo médico fala dos grãos

de felicidade no meio do horror e da precariedade da guerra, da alegria que, de uma forma extraordinária, conseguia romper a miséria em que viviam, da camaradagem que levava filas de voluntários a dar sangue; a forma como os desaparecidos continuam vivos na memória daqueles que lhes sobreviveram. Tal como os camaradas que partilharam histórias no palco, o escritor escolhe celebrar com os presentes os instantes memoráveis que sobraram do tempo sombrio da guerra. Tudo o que é intolerável (a violência, o medo, os mortos, os feridos) é cuidadosamente rodeado por uma cerca de silêncio.

AGRADECIMENTOS

Quando decidi estudar a memória da guerra colonial, em 2008, desconhecia o longo caminho que teria pela frente. Sete anos mais tarde, são muitos os agradecimentos devidos. À Fundação para a Ciência e a Tecnologia, pela bolsa de doutoramento que me permitiu quatro anos de trabalho em dedicação exclusiva à investigação. À Tinta-da-china, por ter acreditado que valia a pena publicar este livro. Ao Professor João Leal, meu orientador, pelo enorme cuidado com que acompanhou a investigação desde o início. Sem o seu encorajamento, comentários e sugestões, este trabalho teria ficado certamente mais imperfeito. À Alexandra, Helena, Isabel, Joana, Margot, Miguel, Nuno, Paleta e Vera, agradeço as ajudas preciosas que deram nos últimos dias do caminho. Aos meus amigos, por terem aguentado os momentos em que fui raptada pela tese. Ao Daniel, pela infinita paciência, pela leitura atenta, pelas muitas conversas. À minha família, a que vive comigo e a que já viveu, por todas as razões.

O maior dos agradecimentos vai para os homens da Companhia de Artilharia 3313, que me receberam com tanta generosidade nos almoços anuais e nas suas casas. Sem eles, este livro não existiria.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES ORAIS — ENTREVISTAS

- Amândio Clemêncio, Alvite, de Abril 2012.
António Carvalho, Vila Nova de Sande, Janeiro de 2012.
António Moreira, Folhadal, Abril de 2012.
António Pais, Tibaldinho, Abril de 2012.
António Simões, Matosinhos, Novembro de 2011.
Armando Matos, Fafe, Janeiro de 2012.
Artur Silva, Arnoso de Santa Maria, Janeiro de 2012.
Avelino Silva, Macieira de Sarnes, Novembro de 2011.
Fausto Ferreira, Recardães, Janeiro de 2012.
Fernando Sota, Beringel, Abril de 2012.
Firmino Alves, Porto, Novembro de 2010.
Firmino Alves, Rui Varejão e Adão Alves, Amarante, Janeiro de 2012.
João Gonçalves, Fiães, Novembro de 2011.
João Marques, Lisboa e Massamá, Outubro de 2010, Fevereiro e Setembro de 2011.
Joaquim Mestres, Palmela, Janeiro, Fevereiro, Abril e Novembro de 2011.
Jorge Pereira, Lisboa, Julho de 2013.
José Aguiar, Porto, Novembro de 2011.
José Basto, Espinho, Novembro de 2011.
José Correia, Salzedas, Abril de 2012.
José Gomes, Odivelas, Maio, Junho e Setembro de 2011.
José Cunha e Licínio Macedo, Vila Praia de Âncora, Março de 2011.
José Mendes, Viseu, Abril de 2012.
José Rocha, Guimarães, Janeiro de 2012.
Licínio Macedo, Vila Praia de Âncora, Abril de 2011.
Manuel Rodrigues, Tebosa, Janeiro de 2012.
Manuel Russo, Almeirim, Janeiro de 2013.
Manuel Silva, Pevidém, Janeiro de 2012.
Paulo Câmara, Porto, Novembro de 2011.
Rogério Tavares, Argoncilhe, Novembro de 2011.
Valdemar Mendes, Silveirinho, Abril de 2012.

FONTES ESCRITAS

ARQUIVOS

Arquivo Digital do Espaço Comunitário Aveiro e Cultura,
disponível em <http://www.prof2000.pt/users/secjeste/arkidigi/Pg000120.htm>

*

Arquivos fotográficos pessoais de António Lobo Antunes, Armando Matos, Firmino
Alves, João Marques, Joaquim Mestres, José Jorge, Licínio Macedo.

*

História da Unidade BART 3835, Arquivo Histórico Militar,
PT/AHM/DIV/2/2/6/151.

LEGISLAÇÃO

Decreto-Lei n.º 13 473, de 6 de Fevereiro de 1929.

Decreto n.º 18 570, de 8 de Julho de 1930.

Decreto-Lei n.º 26 611, de 19 de Maio de 1936.

Decreto-Lei n.º 27 279, de 24 de Novembro de 1936.

Decreto-Lei n.º 2 015, de 28 de Maio de 1946.

Decreto-Lei n.º 35 844, de 31 de Agosto de 1946.

Decreto-Lei n.º 39 666, de 20 de Maio de 1954.

Decreto n.º 43 639, de 2 de Maio de 1961.

Lei n.º 2 135, de 11 de Julho de 1968.

Decreto-Lei n.º 2 137, de 26 de Dezembro de 1968.

Decreto-Lei n.º 353, de 13 de Julho de 1973.

Decreto-Lei n.º 409, de 20 de Agosto de 1973.

IMPrensa

Diário de Notícias, anos de 1961, 1973 e 1974.

Diário de Lisboa, ano de 1974.

PERIÓDICOS

Boletim da Artilharia Antiaérea, ano de 2003.

Boletim Geral das Colónias, ano de 1937.

Boletim Geral do Ultramar, anos de 1960, 1965 e 1968.

MEMÓRIAS, TESTEMUNHOS, REPORTAGENS
E OUTROS DOCUMENTOS

- ANTUNES, António Lobo, 1979, *Os Cus de Judas*, Lisboa, Editorial Vega.
- ANTUNES, António Lobo, 2005, *D'Este Viver aqui neste Papel Descrito. Cartas da Guerra*, Lisboa, D. Quixote.
- BATISTA, Etelvino da Silva, 2000, *Angola 1961-63. Diário de Guerra*, Lisboa, Três Sinais Editores.
- CAMACHO, Francisco, 2002, «Baixa de Cassange: o massacre que veio do céu», *Grande Reportagem*, 137, 62-77.
- CATARINO, Manuel (org) 2011, *A Minha Guerra. Testemunhos de Combatentes. Angola 1961 50 Anos*, Lisboa, Presselivre/Correio da Manhã.
- COSTA, Cesário, 2007, *Morto por te Ver. Cartas de Um Soldado à Namorada (Angola, 1967-1969)*, Porto, Afrontamento.
- ERVEDOSA, José Maria, 1970, «Les massacres de la Baixa de Cassange», *Africasia*, 9, 30-31.
- ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO, 1988, *Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África (1961-1974)*. Enquadramento Geral, Lisboa, Estado-Maior do Exército, 1.º Volume, 2.ª edição.
- GOMES, Catarina, 2013, «Em Busca do Pai Tuga», *Público, Revista 2*, 14 de Julho de 2013, 10-19.
- GOUVEIA, Daniel, 2002 [1996], *Arcanjos e Bons Demónios. Crónicas da Guerra de África 1961-1974*, Lisboa, Hugin.
- MATROSSE, Dino, 2007 [2005], *Memórias*, Luanda, Editorial Nzila.
- MC VEIGH, Malcolm, 1961, «The present situation in Angola. Statement by the Rev. Malcolm McVeigh, Methodist missionary who just returned from Angola, July 1», <http://kora.matrix.msu.edu/files/50/304/32-130-103A-84-GMH%20ACOA%20McVeigh%20Rpt.pdf>, acedido em Agosto de 2015.
- MÚRIAS, Manuel Beça, 2009, *O Salazar Nunca Mais Morre. Cartas de África em Tempos de Guerra e Amor*, Lisboa, Planeta.
- NIZA, José, 2012, *Golden Gate. Um Quase Diário de Guerra*, Lisboa, Publicações D. Quixote.
- PINTO, Nuno Tiago, 2011, *Dias de Coragem e de Amizade. Angola, Guiné, Moçambique: 50 Histórias da Guerra Colonial*, Lisboa, A Esfera dos Livros.
- REIS, A. do Carmo, 2001, *Diário do Tempo de Guerra (1966-1970)*, Vila Nova de Famalicão, Museu da Guerra Colonial.
- SILVEIRA, Nuno Roque da, 2007, *Um Outro Lado da Guerra. Zemba/Angola/1963/1964*, Lisboa, Edições Colibri.
- TEIXEIRA, Rogério Cardoso, 2008, *Angola (N'Gola). História do Batalhão de Caçadores 109 (1961-53)*, Coimbra, Quarteto.

SÍTIOS DA INTERNET E BLOGUES

4.^a Companhia de Caçadores Especiais
<http://4cce.org/>

*

Arquivo do programa Começar de Novo
<http://www.rtp.pt/play/p1019/e123459/comecar-de-novo>

*

Guerra Colonial Portuguesa 1961-1974
<https://www.facebook.com/pages/guerra-colonial-portuguesa-1961-1974/102512929796720>

a

Liga dos Combatentes
<http://www.ligacombatentes.org.pt/>

*

Luís Graça e Camaradas da Guiné
<http://blogueforanadaevaotres.blogspot.pt/>

*

Página Oficial da Presidência da República Portuguesa
<http://presidencia.pt/>

*

Portal Oficial da República de Angola
<http://www.governo.gov.ao/>

BIBLIOGRAFIA

- AFONSO, Aniceto e GOMES, Carlos Matos, 2010, *Os Anos da Guerra Colonial — 1961.1975*, Matosinhos, QuidNovi.
- AFONSO, Aniceto e GOMES, Carlos Matos, 2013, *Alcora. O Acordo Secreto do Colonialismo. Portugal, África do Sul e Rodésia na Última Fase da Guerra Colonial*, Lisboa, Divina Comédia.
- ALEXANDRE, Valentim, 1993, «Portugal em África (1825-1974): uma perspectiva global», *Penélope*, II, 53-66.
- ALEXANDRE, Valentim, 1993b, «Ideologia, economia e política: a questão colonial na implantação do Estado Novo», *Análise Social*, XXVIII, 123-124, 1117-1136.
- ALEXANDRE, Valentim, 1995, «África no imaginário político português (séculos XIX-XX)», *Penélope*, 15, 29-52.
- ALEXANDRE, Valentim, 2006, «Traumas do Império. História, Memória e Identidade Nacional», *Cadernos de Estudos Africanos*, 9/10, 23-41.

- ALMEIDA, Alberto de Jesus, 2011, «A escola primária ao serviço do Estado Novo em Portugal», *Cadernos de História da Educação*, 10, 1, 13-31.
- ALMEIDA, Miguel Vale de, 1991, «Leitura de um livro de leitura: a sociedade contada às crianças e lembrada ao povo» in Brian Juan O'NEILL e Joaquim Pais de BRITO (orgs.), *Lugares de Aqui. Actas do Seminário «Terrenos Portugueses»*, Lisboa, D. Quixote, 245-261.
- ANDERSON, Benedict, 1996 [1983], *Imagined Communities. Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*, Londres, Verso.
- ANDRADE, 1996, «Apresentação» in Iko CARREIRA, *O Pensamento Estratégico de Agostinho Neto*, Lisboa, Publicações D. Quixote
- ANTUNES, José Freire, 1995, *A Guerra de África (1961-1974)*, Lisboa, Círculo de Leitores.
- ARAÚJO, António de, 2004, «A paz é possível': algumas notas sobre o caso da capela do Rato», *Lusitania Sacra*, 2.ª série, 16, 431-463.
- ARAÚJO, 2012, «A cultura de direita em Portugal», texto da comunicação apresentada no colóquio O Estado das Direitas na Democracia Portuguesa / Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, disponível em <http://malomil.blogspot.pt/2014/01/a-direita-portuguesa-contemporanea.html>, acedido em Agosto de 2015.
- ARAÚJO, António e António Duarte SILVA, 2009, «O uso de napalm na Guerra Colonial: quatro documentos», *Relações Internacionais*, 22, 121-139.
- ASHPLANT, T.G, 2006 [2000], «War commemoration in Western Europe. Changing meanings, divisive loyalties, unheard voices» in T.G. ASHPLANT, Graham DAWSON e Michael ROPER (eds.) *Commemorating War: The Politics of Memory*, New Brunswick, Transaction Publishers, 263-272.
- ASHPLANT, T.G, Graham DAWSON e Michael ROPER, 2006 [2000], «The politics of war memory and commemoration. Contexts, structures and dynamics» in T.G. ASHPLANT, Graham DAWSON e Michael ROPER (eds.), *Commemorating War: The Politics of Memory*, New Brunswick, Transaction Publishers, 3-85.
- BAGANHA, Maria Ioannis B., 2003, «From Closed to Open Doors: Portuguese Emigration During the Corporatist Regime», *e-journal of Portuguese History*, 1, 1, 1-16.
- BAGANHA, Maria Ioannis B. e Pedro GÓIS, 1999, «Migrações internacionais de e para Portugal: o que sabemos e para onde vamos?», *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 52-53, 229-280.
- BALANDIER, Georges, 1955, «Le messianisme Ba-Kongo en tant que 'révélateur'» in Georges BALANDIER, *Sociologie Actuelle de l'Afrique Noire*, Paris, PUF, 417-486.
- BALL, Jeremy, 2006, «I escaped in a coffin': Remembering Angolan Forced Labor from the Forties», *Cadernos de Estudos Africanos*, 9/10, 61-75.
- BARRETO, António, 1995, «Portugal na periferia do centro: mudança social, 1960 a 1995», *Análise Social*, XXX, 134, 841-855.
- BARRETO, António, 1996, «Três décadas de mudança social» in António BARRETO (org.), *A Situação Social em Portugal, 1960-1995*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 35-60.
- BARRETO, José, 2004, «A Igreja e os católicos» in Fernando ROSAS e Pedro Aires de OLIVEIRA (coord.), *A Transição Falhada. O Marcelismo e o Fim do Estado Novo (1968-1974)*, Lisboa, Editorial Notícias, 137-170.

- BENDER, Gerald J., 1978, *Angola Under the Portuguese. The Myth and the Reality*, Londres, Heinemann.
- BERTRAND, Romain, 2006, «La mise en cause(s) du ‘fait colonial’. Retour sur une controverse publique», *Politique Africaine*, 102, 28-49.
- BILLIG, Michael, 1995, *Banal Nationalism*, Londres, Sage Publications.
- BLANES, Ruy Llera, 2009, «O Messias entretanto já chegou. Relendo Balandier e o Profetismo Africano na Pós-Colónia», *Campos*, 10, 2, 9-23.
- BODNAR, John, 1994, «Public Memory in an American City» in John R. GILLIS (ed.), *Commemorations. The Politics of National Identity*, Princeton, Princeton University Press, 74-89.
- BORGES, Jorge Luis, s/ data, «Funes o memorioso» in *Ficções*, Lisboa, Livros do Brasil, 115-125.
- BOURDIEU, Pierre, 1986, «L'Illusion Biographique», *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 62/63, 69-73.
- BOURKE, Joanna, 1999, *An Intimate History of Killing. Face-to-Face Killing in Twentieth-Century Warfare*, Londres, Granta Books.
- BRASÃO, Inês, 2012, *O Tempo das Criadas. A Condição Servil em Portugal (1940-1970)*, Lisboa, Tinta-da-china.
- CÁDIMA, Francisco Rui, 1996, *Salazar, Caetano e a Televisão Portuguesa*, Lisboa, Editorial Presença.
- CAETANO, Marcelo, 1974, *Depoimento*, Rio de Janeiro, Distribuidora Record.
- CAHEN, Michel, 1997, «Des caravelles pour le futur? Discours politique et idéologie dans l'‘institutionalisation’ de la Communauté de Pays de Langue Portugaise», *Lusotopie*, 391-433.
- CALDEIRA, Arlindo Manuel, 1995, «Poder e memória nacional. Heróis e vilões na mitologia salazarista», *Penélope*, 15, 121-139.
- CANN, John P., 2005 [1997], *Contra-Subversão em África. Como os Portugueses Fizeram a Guerra em África 1961-1974*, Lisboa, Prefácio.
- CANN, John P., 2011, «Baixa do Cassange: catalyst for righting a wrong», *Revista Militar*, 2508, 17-47.
- CARDOSO, Dulce Maria, 2010, *O Retorno*, Lisboa, Tinta-da-china.
- CARVALHO, Rita Almeida de, 2004, «A definição do marcelismo à luz da revisão da constituição» in Fernando ROSAS e Pedro Aires OLIVEIRA (coord), *A Transição Falhada. O Marcelismo e o Fim do Estado Novo (1968-1974)*, Lisboa, Editorial Notícias, 27-89.
- CASTELO, Cláudia, 1999, «O Modo Português de Estar no Mundo». *O Luso-Tropicalismo e a Ideologia Colonial Portuguesa (1933-1961)*, Porto, Edições Afrontamento.
- CASTELO, Cláudia, 2006, «Memórias coloniais: práticas políticas e culturais entre a Europa e África», *Cadernos de Estudos Africanos*, 9/10, 9-21.
- CASTELO, Cláudia, 2007, *Passagens para África. O Povoamento de Angola e Moçambique com Naturais da Metrópole*, Porto, Edições Afrontamento.
- CASTILHO, José Manuel Tavares, 2007, *A Assembleia Nacional (1934-1974)*, Tese de Doutoramento em História Moderna e Contemporânea, ISCTE.
- CERVELLÓ, Josep Sanchez, 1999, «La revolución portuguesa y la cuestión colonial. Que descolonización?», in ROSAS, Fernando (coord. cient.), *Portugal e a Transição para a De-*

- mocracia (1974-1976). I Curso Livre de História Contemporânea. Lisboa, 23 a 28 de Novembro de 1998*, Lisboa, Ed. Colibri/Fundação Mário Soares/Instituto de História Contemporânea, 77-106.
- COELHO, João Paulo Borges, 2003, «Da violência colonial ordenada à ordem pós-colonial violenta. Sobre um legado das guerras coloniais nas ex-colónias portuguesas», *Lusotopie*, 175-193.
- COFINO, Alon, 1997, «Collective Memory and Cultural History: Problems of Method», *American Historical Review*, 102, 5, 1308-1403.
- CONNERTON, Paul, 1993 [1989], *Como as Sociedades Recordam*, Oeiras, Celta Editora.
- CONNERTON, Paul, 2008, «Seven types of forgetting», *Memory Studies*, 1, 1, 59-71.
- CONRAD, Joseph, 1999, «Heart of Darkness» in *Heart of Darkness & Other Stories*, Londres, Wordsworth Editions, 29-105.
- CORKILL, David, 2004, «O desenvolvimento português no fim do Estado Novo» in Fernando ROSAS e Pedro Aires OLIVEIRA (coord.), *A Transição Falhada. O Marcelismo e o Fim do Estado Novo (1968-1974)*, Lisboa, Editorial Notícias, 213-232.
- CRISTO, Dina, 2005, *A Rádio em Portugal e o Declínio do Regime de Salazar e Caetano (1958-1974)*, Coimbra, Minerva Coimbra.
- CURTO, Diogo Ramada e Bernardo Pinto da CRUZ, 2012, «Terror e saberes coloniais: Notas acerca dos incidentes na Baixa de Cassange, janeiro e fevereiro de 1961» in Miguel Bandeira JERÓNIMO (org.), *O Império Colonial em Questão (sécs. XIX-XX)*, Lisboa, Edições 70, 3-35.
- DESLAURIER, Christine e Aurélie ROGER, 2006, «Mémoires grises. Pratiques politiques du passé colonial en Europe et Afrique», *Politique Africaine*, 102, 5-27.
- DIAS, Eduardo Mayone, 1990, «O eclodir da guerra em Angola visto pela imprensa portuguesa: Janeiro-Junho 1961», *História*, 129, Janeiro, 4-31.
- EKSTEINS, Modris, 2000 (1989) *Rites of Spring. The Great War and the Birth of Modern Age*, Boston, Houghton Mifflin Company.
- ESTÊVÃO, Nuno, 2000, «Os meios católicos perante a guerra colonial: reconfigurações da questão religiosa em Portugal», *Lusitania Sacra*, 2.ª série, 12, 221-265.
- EVANS, Martin, 1997, «Rehabilitating the Traumatized War Veteran: the Case of French Conscripts from the Algerian War, 1954-1962» in Martin EVANS e Ken LUNN (eds.), *War and Memory in the Twentieth Century*, Oxford, Berg, 73-85.
- FENTRESS, James e Chris WICKHAM, 1992, *Memória Social. Novas Perspectivas Sobre o Passado*, Lisboa, Teorema.
- FERREIRA, Ana Sofia, 2006, «As eleições no Estado Novo. As eleições presidenciais de 1949 e 1958», *Revista da Faculdade de Letras: História*, Série III, Volume 7, 197-212.
- FERREIRA, Carolina, 2013, *Os Média na Guerra Colonial. A Manipulação da Emissora Nacional como Altifalante do Regime*, Coimbra, Edições Minerva.
- FERREIRA, José Medeiros, 1990, *Ensaio Histórico sobre a Revolução do 25 de Abril. O Período Pré-Constitucional*, Lisboa, Publicações Alfa.
- FERREIRA, José Medeiros, 1999, «Os militares e a evolução política» in ROSAS, Fernando (coord. cient.) *Portugal e a Transição para a Democracia (1974-1976). I Curso Livre de*

- História Contemporânea*. Lisboa, 23 a 28 de Novembro de 1998, Lisboa, Ed. Colibri/Fundação Mário Soares/Instituto de História Contemporânea, 263-265.
- FIGUEIREDO, Isabela, 2009, *Caderno de Memórias Coloniais*, Coimbra, Angelus Novus.
- FONSECA, Ana Sofia, 2009, *Angola, Terra Prometida. A Vida que os Portugueses Deixaram*, Lisboa, A Esfera dos Livros.
- FRASER, Ronald, 1986 [1979], *Blood of Spain. An Oral History of the Spanish Civil War*, Nova Iorque, Pantheon Books.
- FREUDENTHAL, Aida, 1995-99, «A Baixa de Cassange: algodão e revolta», *Revista Internacional de Estudos Africanos*, 18-22, 245-283.
- FREYRE, Gilberto, 1961, *O Luso e o Trópico*, Lisboa, Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique.
- FRIEDMAN, Jonathon, 1993 [1990], «Being in the World: Globalization and Localization» in Mike FEATHERSTONE (ed.), *Global Culture. Nationalism, Globalization and Modernity*, Londres, Sage, 311-328.
- GALVÃO, Henrique, 1942, *Outras Terras, Outras Gentes. Viagens na África Portuguesa: 25 000 km em Angola*, Lisboa, Livraria Popular de Francisco Franco, volume II.
- GEFFRAY, Christian, 1997, «Le Lusotropicalisme comme discours de l'amour dans la servitude», *Lusotopie*, 361-372.
- GILLIS, John R., 1994, «Memory and Identity: the History of a Relationship» in John R. GILLIS (ed.), *Commemorations. The Politics of National Identity*, Princeton, Princeton University Press, 3-24.
- GRÁCIO, Sérgio, 1986, *Política Educativa como Tecnologia Social. As Reformas do Ensino Técnico de 1948 a 1983*, Lisboa, Livros Horizonte.
- GREEN, Anna, 2004, «Individual Remembering and 'Collective Memory': Theoretical Presuppositions and Contemporary Debates», *Oral History*, 32, 2, 35-44.
- GUERRA, João Paulo, 1994, *Memória das Guerras Coloniais*, Porto, Edições Afrontamento.
- HALBWACHS, Maurice, 1994 [1925], *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*, Paris, Albin Michel.
- HAHN, Hans Peter, 2008, «Appropriation, Alienation and Syncretization: Lessons From the Field» in Afe ADOGAME, Magnus ECHTLER, Ulf VIERKE (eds.), *Unpacking the New. Critical Perspectives on Cultural Syncretization in Africa and Beyond*, Berlim, Lit Verlag, 71-92.
- HENRIQUES, Raquel Pereira, 2010, *Discursos Legais e Práticas Educativas. Ser Professor e Ensinar História*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian/FCT.
- HEWITSON, Mark, 2010, «'I Witnesses': Soldiers, Selfhood and Testimony in Modern Wars», *German History*, 28, 3, 310-325.
- HIRSCH, Marianne, 1996, «Past Lives: Postmemories in Exile», *Poetics Today*, 17, 4, 659-686.
- HIRSCH, Marianne, 2001, «Surviving Images: Holocaust Photographs and the Work of Postmemory», *The Yale Journal of Criticism*, 14, 1, 5-37.
- HIRSCH, Marianne, 2008, «The Generation of Postmemory», *Poetics Today*, 29, 1, 103-128.
- HOBBSBAWM, Eric e Terence RANGER, 2003 [1983], «Inventing Traditions», in Eric HOBBSBAWM e Terence RANGER (eds.), *The Invention of Tradition*, Cambridge, CUP, II.^a edição.

- HYNES, Samuel, 2000 [1999] «Personal narratives and commemoration» in Jay WINTER e Emmanuel SIVAN (eds.), *War and Remembrance in the Twentieth Century*, Nova Iorque, Cambridge University Press, 205-220.
- JOÃO, Maria Isabel, 2002, *Memória e Império. Comemorações em Portugal (1880-1960)*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- KANSTEINER, Wulf, 2002, «Finding Meaning in Memory: a Methodological Critique of Collective Memory Studies», *History and Theory*, 41, 179-197.
- KEESE, Alexander, 2004, «Dos abusos às revoltas? Trabalho forçado, reformas portuguesas, política 'tradicional' e religião na Baixa do Cassange e no distrito do Congo, Angola (1957-1961)», *Africana Studia*, 7, 247-276.
- KLEIN, Kerwin Lee, 2000, «On the Emergence of Memory in Historical Discourse», *Representations*, 69, 127-150.
- KUNDERA, Milan, 1994 [1993] *Os Testamentos Traídos*, Lisboa, Asa.
- LAINS, Pedro, 2004, «A Economia Portuguesa no Século xx: Crescimento e Mudança Estrutural» in António Costa PINTO (coord.), *Portugal Contemporâneo*, Lisboa, D. Quixote, 117-136.
- LEAL, João, 2014, «What's (not) in a parade? Nationhood, ethnicity and regionalism in a diasporic context», *Nations and Nationalism*, 20, 2, 200-217.
- LOPES, Daniel Seabra, 1998, *Ex-Combatentes da Guerra Colonial: Experiência e Identidades: Ensaio de Construção de Um Objecto Antropológico*, Tese de Mestrado em Antropologia, ISCTE.
- LOURENÇO, Eduardo, 1992, *O Labirinto da Saudade*, Lisboa, Publicações D. Quixote.
- LOURENÇO, Eduardo, 2014, *Do Colonialismo como Nosso Impensado*, Lisboa, Gradiva.
- LOWENTHAL, David, 1999 [1985], *The Past is a Foreign Country*, Cambridge, Cambridge University Press.
- MACHADO, Dinis, 2009 [1977], *O Que Diz Molero*, Lisboa, Quezta Editores.
- MACQUEEN, Norrie, 2004, «As Guerras Coloniais» in Fernando ROSAS e Pedro Aires OLIVEIRA (coord.), *A Transição Falhada. O Marcelismo e o Fim do Estado Novo (1968-1974)*, Lisboa, Editorial Notícias, 263-300.
- MALEŠEVIĆ, Siniša, 2011, «The chimera of national identity», *Nations and Nationalism*, 17, 2, 272-290.
- MARCHIS, Giorgio de, 2006, «A nostalgia colonial como técnica de *best-selling* literário», *Cadernos de Estudos Africanos*, 9/10, 101-112.
- MARCUS, George, 1995, «Ethnography in/of the World System. The Emergence of Multi-Sited Ethnography», *Annual Review of Anthropology*, 24, 95-117.
- MATEUS, Dalila Cabrita, 2004, *A PIDE/DGS na Guerra Colonial 1961-1974*, Lisboa, Terramar.
- MATEUS, Dalila Cabrita e Álvaro MATEUS, 2011, *Angola 61 — Guerra Colonial: Causas e Consequências*, Alfragide, Texto Editores, 2.^a edição.
- MATOS, Patrícia Ferraz de, 2006, *As Cores do Império. Representações Raciais no Império Colonial Português*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- MEDEIROS, Paulo de, 2006 [2000], «Hauntings: memory, fiction and the Portuguese colonial wars» in T.G. ASHPLANT, Graham DAWSON e Michael ROPER (eds.), *Commemorating War: The Politics of Memory*, New Brunswick, Transaction Publishers, 201-221.

- MELO, João de (org.), 1988, *Os Anos da Guerra. 1961-1975. Os Portugueses em África. Crónica, Ficção e História*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2 volumes.
- MERRIDALE, Catherine, 2000 [1999], «War, death and remembrance in Soviet Russia» in Jay WINTER e Emmanuel SIVAN (eds.), *War and Remembrance in the Twentieth Century*, Nova Iorque, Cambridge University Press, 61-83.
- MICHALOWSKI, Raymond e Jill DUBISCH, 2001, *Run for the Wall. Remembering Vietnam on a Motorcycle Pilgrimage*, Nova Jersey, Rutgers University Press.
- MOITA, Luís, 1985, «Elementos para um balanço da descolonização portuguesa», *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 15/16/17, 501-509.
- MÓNICA, Maria Filomena, 1978, *Educação e Sociedade no Portugal de Salazar. A Escola Primária Salazarista 1926-1939*, Lisboa, Editorial Presença.
- NETO, Maria da Conceição, 1997, «Ideologias, contradições e mistificações da colonização de Angola no século XX», *Lusotopie*, 327-359.
- NORA, Pierre, 1984, «Entre mémoire et histoire. La problématique des lieux», in NORA, Pierre (dir.), *Les Lieux de Mémoire. La République*, Paris, Gallimard, xv-xlii.
- NÓVOA, António Sampaio da, 1996, «Educação Nacional», «Ensino Primário», «Ensino Técnico» in Fernando ROSAS e José Maria Brandão de BRITO (orgs.), *Dicionário de História do Estado Novo*, Lisboa, Bertrand, 286-288, 303-305, 307-309.
- NUNES, Adérito Sedas, 1964, «Portugal, uma sociedade dualista em evolução», *Análise Social*, II, 7-8, 407-462.
- NUNES, António Lopes Pires, 2002, *Angola 1966-1974. Vitória Militar no Leste*, Lisboa, Prefácio.
- NUNES, António Lopes Pires, 2005, *Angola 1961 — Da Baixa do Cassange a Nambuangongo*, Lisboa, Prefácio.
- OLICK, Jeffrey K., 2008, «Collective memory: a memoir and a prospect», *Memory Studies*, 1, 1, 23-29.
- OLICK, Jeffrey K., 2009, «Between Chaos and Diversity: Is Social Memory Studies a Field?», *International Journal of Politics, Culture and Society*, 22, 2, 249-252.
- OLICK, Jeffrey K. e Joyce ROBBINS, 1988, «Social Memory Studies: From 'Collective Memory' To the Historical Sociology of Mnemonical Practices», *Annual Review of Sociology*, 24, 105-140.
- PÉLISSIER, René, 1978, *La colonie du minotaure. Nationalismes et revoltes en Angola (1926-1971)*, Orgeval, Péliissier.
- PERROT, Michelle, 1984, «Sur le front des sexes: un combat douteux», *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, 3, 69-76.
- PIMENTEL, Irene Flunser, 2011 [2007], *A História da PIDE*. Lisboa, Círculo de Leitores/ Temas e Debates.
- PIMENTEL, Irene Flunser, 2012, «A Polícia Política do Estado Novo Português — PIDE/ DGS. História, Justiça e Memória», *Revista Acervo*, 24, 1, 139-156.
- PINTO, António Costa, 2006, «O legado do Autoritarismo e a Transição Portuguesa para a Democracia» in LOFF, Manuel e Maria da Conceição Meireles PEREIRA (coords.), *Portugal: 30 Anos de Democracia (1974-2004). Actas do Colóquio realizado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Porto, Editora da Universidade do Porto, 37-70.

- PIRES, Cristina Maria Mesquita Gomes, Elza da Conceição MESQUITA e Maria do Céu RIBEIRO, 2009, *A Iconografia nos Manuais Escolares do Estado Novo*, Bragança, Instituto Politécnico de Bragança.
- POPULAR MEMORY GROUP, 1982, «Popular memory: theory, politics, method» in Richard JOHNSON, Gregor MCLENNAN, Bill SCHWARZ e David SUTTON (eds.), *Making Histories. Studies in History Writing and Politics*, Londres, Hutchinson, 205-252.
- POWER, Marcus, 2001, «Geo-politics and the representation of Portugal's African colonial wars: examining the limits of 'Vietnam Syndrom'», *Political Geography*, 20, 461-491
- PROST, Antoine, 2000 [1999], «The Algerian War in French Collective Memory» in Jay WINTER e Emmanuel SIVAN (eds) *War and Remembrance in the Twentieth Century*, Nova Iorque, Cambridge University Press, 161-176.
- QUINTAIS, Luís, 2000, *As Guerras Coloniais Portuguesas e a Invenção da História*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- RADSTONE, Susannah, 2008, «Memory Studies: For and Against», *Memory Studies*, 1, 1, 31-39.
- RAMOS, Rui, 2007, «O império que nunca existiu'. A Cultura da Descolonização em Portugal c. 1960-c.1980», *Revista da História das Ideias*, vol. 28, 429-477.
- RAMOS, Rui (coord.), 2009, *História de Portugal*, Lisboa, A Esfera dos Livros.
- REZOLA, Maria Inácia, 2012, *Melo Antunes. Uma Biografia Política*, Lisboa, Âncora Editora.
- RIBEIRO, Margarida Calafate, 2004, *Uma História de Regressos: Império, Guerra Colonial e Pós-Colonialismo*, Porto, Edições Afrontamento.
- RIBEIRO, Margarida Calafate, 2006, «As ruínas da casa portuguesa em *Os Cus de Judas* e em *O Esplendor de Portugal* de António Lobo Antunes» in Manuela Ribeiro SANCHES (org.), «Portugal Não É Um País Pequeno». *Contar o 'Império' na Pós-Colonialidade*, Lisboa, Edições Cotovia, 43-62.
- RIBEIRO, Margarida Calafate, 2013, «Os netos que Salazar não teve: guerra colonial e memória de segunda geração», *Abril — revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF*, 5, 11, 25-36.
- RODRIGUES, Fátima da Cruz, 2012, *Antigos Combatentes Africanos das Forças Armadas Portuguesas. A Guerra Colonial como Território de Reconciliação*, Tese de Doutoramento, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.
- RODRIGUES, Sofia da Palma, 2011, *Guerra Colonial: Que Jornalismo? Como o Jornal O Século Abordou o Início do Conflito Ultramarino Português*, Tese de Mestrado em Ciências da Comunicação, FCSH/Universidade Nova de Lisboa.
- ROSA, Celso Braga, Maria Paula MENESES e Bruno Sena MARTINS, 2012, «Memórias da guerra colonial: alianças secretas e mapas imaginados», comunicação apresentada no VII Congresso Português de Sociologia da Sociedade, Crise e Reconfigurações, Porto, 20 a 23 de Junho (http://www.ces.uc.pt/estilhacos_do_imperio/alcora/media/documentos/ACTA_PAP0656_ed.pdf em 14 Setembro 2013).
- ROSA, Maria João Valente, 2000, «Portugal e a União Europeia, do ponto de vista demográfico, a partir de 1960» in António BARRETO (org.), *A Situação Social em Portugal 1960-1999. Volume II. Indicadores Sociais em Portugal e na União Europeia*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 419-451.

- ROSAS, Fernando, 2004, «Prefácio — marcelismo: ser ou não ser» in Fernando ROSAS e Pedro Aires OLIVEIRA (coord.), *A Transição Falhada. O Marcelismo e o Fim do Estado Novo (1968-1974)*, Lisboa, Editorial Notícias, 9-26.
- ROSAS, Fernando, 2006, «A Revolução portuguesa de 1974-75 e a institucionalização da democracia» in Manuel LOFF e Maria da Conceição Meireles PEREIRA (orgs.), *Portugal: 30 Anos de Democracia. Actas do Colóquio realizado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Porto, Editora da Universidade do Porto.
- ROSAS, Fernando, 2012, *Salazar e o Poder. A Arte de Saber Durar*, Lisboa, Tinta-da-china.
- ROSENFELD, Gavriel D., 2009, «A Looming Crash or a Soft Landing? Forecasting the Future of Memory ‘Industry’», *The Journal of Modern History*, 81, 1, 122-158.
- ROWLANDS, Michael, 2001 [1999], «Remembering to Forget: Sublimation as Sacrifice in War Memorials» in Adrian FORTY e Susan KUCHLER (eds.), *The Art of Forgetting*, Oxford, Berg, 129-145.
- SALVADOR, Paulo, 2004a [2003], *Era Uma Vez ... Angola*, Lisboa, Quimera Editores.
- SALVADOR, Paulo, 2004b, *Recordar Angola. Fotos e Gentes, de Cabinda ao Cunene*, Lisboa, Quetzal Editores.
- SAMARA, Maria Alice e Raquel Pereira HENRIQUES, 2013, *Viver e Resistir no Tempo de Salazar: Histórias de Vida Contadas na Primeira Pessoa*, Lisboa, Verso da Kapa.
- SAPEGA, Ellen W., 2008, «Remembering Empire/Forgetting the Colonies. Accretions of Memory and the Limits of Commemoration in a Lisbon Neighborhood», *History & Memory*, 20, 2, 18-38.
- SCHACTER, Daniel L., 2001, *The Seven Sins of Memory. How the Mind Forgets and Remembers*, Nova Iorque, Houghton Mifflin Company.
- SCHALK, David L., 1991, *War and the Ivory Tower: Algeria and Vietnam*, Nova Iorque, Oxford University Press.
- SILVA, Tiago Matos, 2007, «Exilados em casa. Os veteranos da Guerra Colonial e os limites da ‘Nação’», *Arquivos da Memória*, 1, 31-39.
- SILVEIRA, Anabela, 2013, «A Baixa do Cassange: o prenúncio da luta armada», *Revista Porto*, 3, 2, 39-57.
- SIVAN, Emmanuel, 2000 (1999), «Private pain and public remembrance in Israel» in Jay WINTER e Emmanuel SIVAN (eds.), *War and Remembrance in the Twentieth Century*, Nova Iorque, Cambridge University Press, 177-204.
- SOBRAL, José Manuel, 2004, «Memoria social, identidad, poder y conflicto», *Revista de Antropologia Social*, 13, 137-159.
- SOBRAL, José Manuel, 2006, «Memória e Identidade Nacional: considerações de carácter geral e o caso português» in Manuel Carlos SILVA (org.), *Nação e Estado. Entre o Global e o Local*, Porto, Edições Afrontamento.
- SOBRAL, José Manuel, 2010, «Povo, nação, raça: representações da identidade nacional portuguesa no século XX», in José NEVES (coord.), *Como se Faz Um Povo*, Lisboa, Tinta-da-china.
- SOUSA, Alfredo de, 1995, «Os anos 60 da nossa economia», *Análise Social*, XXX, 133, 613-630.

- TAVARES, João Moreira, 2013, «Histórias de Unidade — HU (Military Unit Reports): Another Form of Propaganda» in Maria Fernanda ROLLO, Ana Paula PIRES e Noémia Malva NOVAIS (eds.), *War and Propaganda in the Twentieth Century* [documento electrónico], Lisboa, IHC, CEIS20, pp. 369-374, disponível em <http://run.unl.pt/handle/10362/10758> (acedido em Agosto de 2015).
- THOMSON, Alistair, 1994, *Anzac Memories. Living With the Legend*, Melbourne, Oxford University Press.
- TOLSTÓI, Lev, 2013, *Guerra e Paz*, Barcarena, Editorial Presença, volume I.
- VALVERDE, Paulo, 1997, «O corpo e a busca de lugares de perfeição: escritas missionárias da África colonial portuguesa», *Etnográfica*, 1, 1, 73-96.
- VAZ, Nuno Mira, 1997, *Opiniões Públicas Durante as Guerras de África*, Lisboa, Quetzal Editores.
- WAGNER-PACIFICI, Robin e Barry SCHWARTZ, 1991, «The Vietnam Veterans Memorial: Commemorating a Difficult Past», *The American Journal of Sociology*, 97, 2, 276-420.
- WEBER, Eugen, 1976, *Peasants into Frenchmen. The Modernization of Rural France, 1870-1914*, Stanford, Stanford University Press
- WHEELER, Douglas e René PÉLISSIER, 2009 [1971], *História de Angola*, Lisboa, Tinta-da-China.
- WINTER, Jay, 2000 [1999], «Forms of kinship and remembrance in the aftermath of the Great War» in Jay WINTER e Emmanuel SIVAN (eds.), *War and Remembrance in the Twentieth Century*, Nova Iorque, Cambridge University Press, 40-60.
- WINTER, Jay, 2006, *Remembering War. The Great War Between Memory and History in the Twentieth Century*, New Haven, Yale University Press.
- WINTER, Jay, 2007, «The Generation of Memory: Reflections on the ‘Memory Boom’ in Contemporary Historical Discourse», *Archives and Social Studies: A Journal of Interdisciplinary Research*, 1, 0, 363-397.
- WINTER, Jay e Emmanuel SIVAN, 2000 [1999], «Setting the Framework in the aftermath of the Great War» in Jay WINTER e Emmanuel SIVAN (eds.), *War and Remembrance in the Twentieth Century*, Nova Iorque, Cambridge University Press, 6-39.
- ZERUBAVEL, Eviatar, 2003, *Time Maps. Collective Memory and the Social Shape of the Past*, Chicago, The University of Chicago Press.



regressos quase perfeitos

FOI COMPOSTO EM CARACTERES
HOEFLER TEXT E IMPRESSO PELA
GUIDE, ARTES GRÁFICAS,
EM PAPEL CORAL BOOK DE 80 GRs,
NO MÊS DE SETEMBRO DE 2015.